



Lei de Incentivo à
CULTURA

**Ministério do Turismo,
Secretaria Especial de Cultura e
Fundação Dorina Nowill para Cegos
apresentam**

Cenários da Leitura Acessível

cenários da leitura acessível



Instituto Datafolha
2ª edição
Agosto, 2019

Sobre a **Fundação** **Dorina Nowill** para Cegos

A Fundação Dorina Nowill para Cegos trabalha há **74 anos** em diferentes cenários sociais com o intuito de **promover a inclusão e autonomia de pessoas com deficiência visual**. Por meio de diversos projetos, oferece serviços gratuitos e especializados de habilitação e reabilitação, como orientação e mobilidade, clínica de visão subnormal e programas de inclusão educacional e profissional.



Referência na produção e distribuição de materiais nos formatos acessíveis em braille, áudio, impressão em fonte ampliada e digital acessível, a instituição envia, gratuitamente, livros para milhares de escolas, bibliotecas e organizações de todo o Brasil, por meio da sua Rede de Leitura Inclusiva, **presente nos 26 estados do país e no Distrito Federal.**

Em 2012, a Fundação Dorina já havia promovido um importante levantamento sobre as condições de acesso à leitura oferecidas às pessoas com deficiência visual. Realizado pela Ipsos Public Affair, a pesquisa mostrou que, entre outras questões, as iniciativas de leitura inclusiva não eram desenvolvidas em parceria e as organizações que fazem a intermediação com os leitores, em especial as bibliotecas, tinham poucas informações sobre materiais acessíveis e formas de atuação.



Foi o que deu impulso para a mobilização da **Rede de Leitura Inclusiva** e promoveu o vínculo entre os parceiros a partir de estratégias que consolidaram o projeto. **Dois encontros nacionais já foram realizados** nesse período para planejar e disseminar metodologias utilizadas nas ações dos estados, o primeiro em 2016 e o segundo em 2019. Os dois encontros contaram com a participação de intermediários de leitura e representantes dos grupos de trabalho (GT) de todas as regiões do país.



Sobre a Pesquisa



Por meio do projeto **Leitura em Todos os Cantos**, viabilizado a partir da **Lei de Incentivo à Cultura**, do Ministério do Turismo via Secretaria Especial da Cultura, a Fundação Dorina produziu em 2019 a pesquisa **Cenários da Leitura Acessível** como forma de subsidiar a Rede na elaboração de novas estratégias de atuação. Realizada pelo Instituto Datafolha entre 02 de julho e 16 de agosto, a pesquisa reuniu dados de entrevistas por telefone, nos formatos quantitativo e qualitativo.



38 intermediários de leitura estão, diretamente, ligados à leitura acessível.

Foram ouvidos 38 intermediários de leitura, que planejam e desenvolvem projetos, eventos ou ações de leitura acessível. Todos são profissionais, clientes ou ativistas de instituições parceiras da **Rede de Leitura Inclusiva da Fundação Dorina Nowill para Cegos**.

O Instituto Datafolha também realizou outras 523

entrevistas com colaboradores de instituições que recebem livros acessíveis da organização e pessoas com deficiência visual, nem todos usuários de livros acessíveis. O grau de confiança da pesquisa é de **95%**, com margem de erro de 16 pontos percentuais e representatividade em todas as regiões do país.



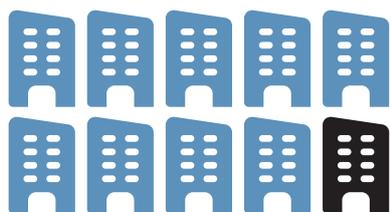
Aviso legal:

A presente publicação está protegida pela legislação brasileira sobre direito autoral. É permitido o compartilhamento e reprodução total ou parcial do seu conteúdo em qualquer meio de divulgação, impresso ou eletrônico, desde que sejam dados os devidos créditos à fonte: Cenários da Leitura Acessível - Rede de Leitura Inclusiva/ Instituto Datafolha, Agosto, 2019.

Principais Resultados



Os dados dos **Cenários da Leitura Acessível** são significativos. A Fundação Dorina Nowill para Cegos é reconhecida pelo papel institucional na articulação das ações em prol de uma concepção inclusiva de leitura. Entre os entrevistados, **nove em cada dez instituições** e **64% das pessoas com deficiência visual** conhecem a instituição por seu trabalho.



9 em cada **10 instituições**



64% das **peças com deficiência visual**

conhecem a instituição por seu trabalho.

A força de articulação e fomento de ações é o que os atores envolvidos na **Rede de Leitura Inclusiva** também esperam dela, de acordo com o levantamento. Entre as revelações mais significativas:

- A pesquisa mostra que os colaboradores da Rede de Leitura Inclusiva têm como **principal motivação** a **troca de conhecimentos e de experiências.**



a **principal motivação** é a **troca de conhecimentos e de experiências.**

E essa motivação se revela na quantidade de projetos, ações ou eventos realizados em um ano: dos entrevistados, **44%** **desenvolveram mais de cinco iniciativas de leitura acessível**. E a participação dos leitores foi **avaliada com nota máxima por 37%**.

- **A qualidade do material disponível para a leitura acessível é, em geral, bem avaliada**, mas o acesso às instituições ainda se revela um problema para atrair leitores.



Contudo, **o principal desafio levantado pelos colaboradores da Rede é o acesso a livros e às tecnologias.**

- Por parte dos leitores, **mais da metade (55%)** atribuiu **nota máxima** ao **interesse pela leitura**, considerada uma **forma de “conhecer o mundo”**.

Diante das facilidades técnicas, tecnológicas e de linguagem, **o audiolivro é considerado o recurso mais valorizado 66% dos entrevistados**. Mas é o **menos encontrado nos acervos de livros acessíveis**. Já em relação ao **braille**, os entrevistados reconhecem que este **é o sistema mais eficaz para a alfabetização da pessoa com deficiência visual**.



- Quanto aos hábitos de leitura, **os livros espiritualistas e religiosos são os mais procurados** e os acadêmicos, didáticos e técnicos os que se sente mais falta.



Literatura infantil é o gênero mais disponível e o segundo com maior carência de demanda.

Um dado interessante é que os **livros de literatura infantil são os mais disponíveis** e, ainda assim, representam o **segundo gênero com maior carência de demanda**.

- Entre os colaboradores de instituições, **a falta de parceria no desenvolvimento de projetos de leitura acessível representa uma barreira.**



6 em cada **10**

dizem que falta apoio

Nas escolas faltam equipes preparadas para lidar com o público e os locais com estrutura específica para as pessoas com deficiência visual **carecem de professores capacitados.**

Cenários da Leitura Acessível traz números importantes para se perceber as **barreiras de estrutura** e os **aspectos que dificultam as iniciativas de promoção à autonomia no comportamento leitor de um público bastante específico.** Mas é essencial traçar também um perfil mais sensível e qualitativo da Rede e seus desafios, que não são poucos. **O que há por trás dos números no cenário da leitura acessível revelado pela pesquisa?** Nossa linha narrativa persegue essa pergunta e tenta respondê-la através dos atores que compõem esse cenário.



Uma das articuladoras do **Grupo de Trabalho de Minas Gerais** reconhece que a pesquisa Cenários da Leitura Acessível é **“um instrumento legítimo”** que **alicerça as lutas por uma sociedade inclusiva** e que “tem alcance e a voz da pessoa com deficiência visual”. Como instrumento, a pesquisa procura analisar as condições de oferta de livros em formatos acessíveis, como os intermediários da leitura atuam no contato com as pessoas com deficiência visual e qual é o comportamento do leitor.

Pesquisa aponta caminhos para concepção inclusiva de leitura

Cenários da Leitura Acessível foi encomendada pela Fundação Dorina para subsidiar a atuação da Rede de Leitura Inclusiva, que promove ações para vencer as barreiras atitudinais e estruturais.

De modo geral, o brasileiro lê pouco. É um traço cultural que decorre, entre outros fatores, da falta de políticas e de investimento em ações contínuas para estimular o hábito. **Nos últimos anos houve um ligeiro aumento no número de leitores no país**, segundo a quarta edição de Retratos da Leitura no Brasil, estudo amplo desenvolvido pelo Instituto Pró-Livro e publicado em 2016. ¹

Se vistos de forma isolada, os indicadores são positivos em certos aspectos. Mas, quando comparados a outros dados relevantes, mostram um quadro ainda desafiador.



Quanto melhor o desempenho escolar, a condição socioeconômica e o ambiente familiar, mais desenvolvido é o hábito da leitura.

O problema é que, de acordo com o **Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional**,



4 em cada 10

brasileiros têm dificuldade de ler e interpretar textos.

É de se supor, portanto, que o crescimento quantitativo no número de leitores, por si só, não basta.

Quem estuda está entre os que têm o hábito de leitura mais desenvolvido, mas o desempenho do Brasil no **Programa Internacional de Avaliação de Estudantes** (Pisa, na sigla em inglês) também tem mostrado baixos resultados.

Mais da metade dos estudantes na faixa dos 15 anos avaliados em 2018 não atingiram níveis satisfatórios na interpretação de textos,

o que se repete desde 2009, como mostra o **Relatório do Brasil no Pisa 2018, do Ministério da Educação.**²

No caso das pessoas com deficiência visual se poderia esperar um comportamento diferente do leitor, pelas dificuldades inerentes a ele. Mas, apesar de dependerem de recursos de acessibilidade específicos, **as pessoas cegas ou com baixa visão também compõem esse traço cultural generalizado no país, em que a leitura ainda não ocupa lugar significativo na vida cotidiana.**



Os dados oficiais sobre pessoas com deficiência visual no Brasil são do **Censo populacional de 2010**, cujo levantamento aponta **6,5 milhões de pessoas** com essa característica. Cerca de **500 mil se declararam cegas**. As demais, **“com grande dificuldade de enxergar”**, como descreve a amostragem. Mas cabe destacar a **Pesquisa Nacional de Saúde**, também realizada pelo **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)** em parceria com o Ministério da Saúde em 2013. O estudo apontou **7,3 milhões de pessoas com deficiência visual.**³

3,5%
da população brasileira depende de acesso a estruturas de apoio visual

É preciso considerar que esses levantamentos apresentam diferenças metodológicas e de objetivos. De qualquer modo, cerca de **3,5% da população brasileira**, como mostraram o **Censo e a Pesquisa Nacional de Saúde**, dependem de acesso a estruturas de apoio visual adequadas para tocar a vida, realizar seus projetos e concretizar seus sonhos com autonomia.

Quando se fala em pessoas com deficiência, o ambiente e as oportunidades oferecidas para criar condições de convívio social impactam decisivamente. Mas **as principais barreiras ainda estão na atitude e no comportamento humano diante dos dilemas que excluem quem não se adequa à chamada vida “normal”**.



¹ FAILA, Zoara (Org.). **Retratos da Leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. Disponível em http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf. Acesso em: 03/08/2020.

² BRASIL. Ministério da Educação. **Relatório do Brasil no Pisa 2018: Versão Preliminar**. Brasília: 2019. Disponível em: http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio_PISA_2018_preliminar.pdf. Acesso em: 03/08/2020.

³ BRASIL. Ministério da Saúde. **Pesquisa Nacional de Saúde Módulo de Pessoas com Deficiências: Notas Técnicas**. Disponível em: http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/pns/Notas_Tecnicas_PNS_G.pdf. Acesso em: 03/08/2020.

Cenário da **Leitura** : ···:·:··

Um parceiro estratégico do **Grupo de Trabalho Acre** considera essencial desenvolver uma **concepção inclusiva de leitura como base de formação**.



Essa cultura da população não querer ler deve ser combatida, tanto no caso das pessoas com deficiência quanto em relação às demais. Temos que elaborar ferramentas de tecnologia assistiva, estratégicas, para promover o incentivo à leitura”, aconselha.



Os grupos de trabalho são o elo entre as ações da Rede e as demandas de leitura inclusiva em cada território no qual atuam. Se organizam para apontar soluções e ajudar na superação dos desafios, no diálogo entre os participantes e destes com os parceiros da Rede. Como parte essencial de uma estratégia de horizontalização das ações, **os GT expressam a necessária diversidade de instituições e atores na luta por direitos e organização de atividades de inclusão.**

Durante o **II Encontro Nacional da Rede de Leitura Acessível**, importante momento para a troca de experiências realizado em agosto de 2019 em São Paulo, a **Fundação Dorina** apresentou os resultados de uma nova pesquisa e promoveu espaço para proposições dos participantes. Declarações como as do parceiro do Acre são uma amostra da disposição dos GT na busca por soluções para ampliar o acesso de pessoas com deficiência visual à leitura. Como voz da Rede, as declarações serão identificadas aqui pela região em que os grupos atuam, sem personificação. A Rede fala e age através dos parceiros e Grupos de Trabalho.



Temos que entender que o que está retratado na pesquisa **não é problema exclusivo das pessoas com deficiência**, mas reflexo do que acontece na sociedade como um todo. Nossa população não tem hábito de leitura, as barreiras são atitudinais e de recursos. Sinto falta de representatividade maior das próprias pessoas com deficiência nos espaços de atuação. Precisamos empoderá-las”, reflete parceira do GT Ceará, profissional de biblioteca pública.

Desafios em rede

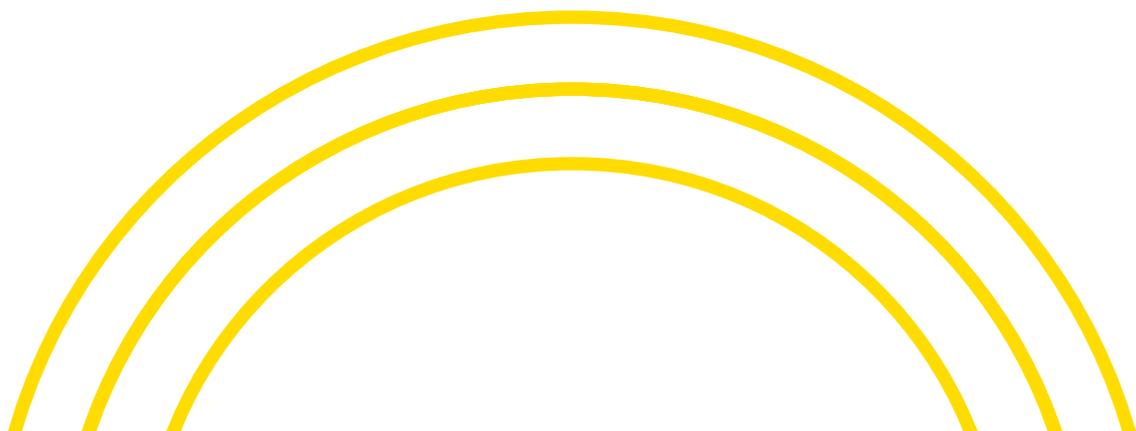


Os dados mais atualizados sobre leitura acessível estimulam a proposição de estratégias de **curto prazo** que passam pela melhoria do acervo de materiais acessíveis, especialmente os focados em diferentes áreas de estudo e trabalho, o desenvolvimento profissional de quem atende a pessoas com deficiência, a sistematização de ações que promovam o acesso à leitura inclusiva e o mapeamento de potenciais parceiros.



Daqui dois anos os territórios terão mapeado talentos e recursos, vai haver um registro do acervo Brasil, a rede terá elaborado um documento para subsidiar a **implementação de políticas públicas e boas práticas da rede estarão sistematizadas em materiais para subsidiar a atuação de professores**”.

Kiara Terra, escritora e contadora de histórias, mestre de cerimônia no II Encontro Nacional da Rede de Leitura Inclusiva resumiu assim o desejo dos participantes.



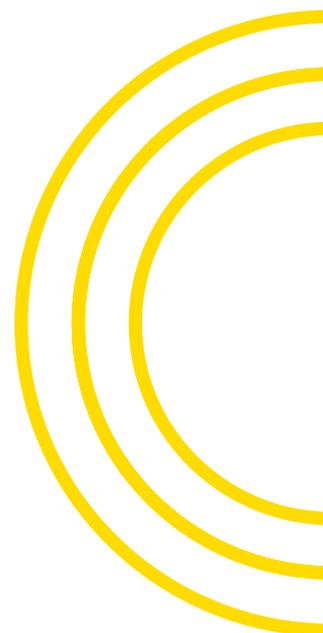


*A Rede conecta diferentes atores para troca de informações e experiências
(Rafael Petrocco/ Fundação Dorina/ Acervo)*

Implementadas as proposições, a Rede ganha recursos de compartilhamento mais imediatos e agilidade na troca de informações e experiências, além de fortalecer ações que se transformem em possibilidades abrangentes para qualificar a leitura que envolva, em especial, a pessoa com deficiência visual, o comportamento leitor e as relações entre os diferentes atores, mobilizados agora para dar conta desses desafios.



Pensar a concepção de rede envolve ao menos dois aspectos que podem ser identificados no cenário de leitura acessível proposto pela pesquisa promovida pela **Fundação Dorina Nowill para Cegos**. A Rede de Leitura Inclusiva tem se caracterizado como um modo de sistematizar ações a partir de referências concretas, estruturadas em conexões possíveis porque seus nós são identificados e mobilizados em diferentes lugares do país. Se poderia dizer que é uma **rede mobilizadora de redes**.



Consolidada como um **jeito de pensar concepções inclusivas e acessíveis de leitura**, ela se reorganiza no tempo e no espaço para implementar novas proposições. Os parceiros se entendem como **pontos de conexão para as ações e de comunicação com outros atores**. Não por acaso, pedem diálogo mais constante, trocas mais ágeis de experiências e meios de desenvolver capacidades mais qualificadas para o trabalho que fazem.



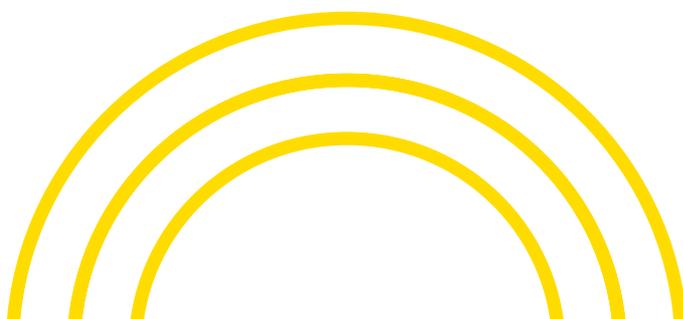
O país é imenso. Há dificuldades, mas temos um ponto positivo: falamos a mesma língua, mesmo que de modos diferentes. **Há riqueza na rede**. Não só no Sul e no Sudeste, onde há concentração”.

Como representante de **programa de acessibilidade em universidade, parceira do GT Santa Catarina** reconhece a força da estrutura mobilizada ao longo de quase uma década, mas sustenta a necessidade de dar maior unidade a todos os pontos de conexão da Rede.

Essa é uma questão importante e que ganha visibilidade quando avaliamos a distribuição da população de pessoas com deficiência visual pelo país.

A Região Nordeste representa um terço da população de cegos e pessoas com baixa visão no país, de acordo com o Censo de 2010. Os dados correspondem à amostragem de leitores regulares e leitores não frequentes da pesquisa **Cenários da Leitura Acessível**.

A distribuição dos entrevistados por região evidencia que o **Nordeste é a região que mais carece de redes de apoio e de instituições parceiras**, se analisadas em proporção ao público leitor. Há outros indicadores que revelam essa desproporção. **Está na região o maior volume de interações com a Fundação Dorina**.





96%

das instituições representadas na pesquisa recebem livros e publicações regularmente

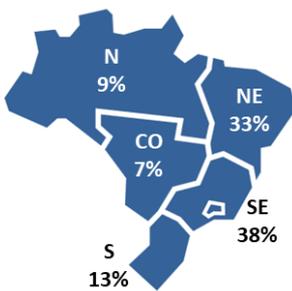
e todas conhecem o trabalho, o que indica a falta de outros parceiros, mais comuns especialmente nas regiões Sul e Sudeste.



ETAPA QUANTITATIVA

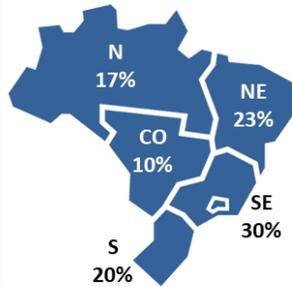
Distribuição

LEITORES E LEITOR NÃO FREQUENTE



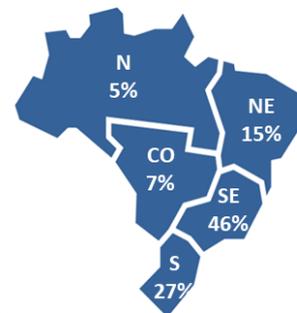
Base: Total da amostra - 207 entrevistas

REDES DE APOIO



Base: Total da amostra - 33 entrevistas

INSTITUIÇÕES

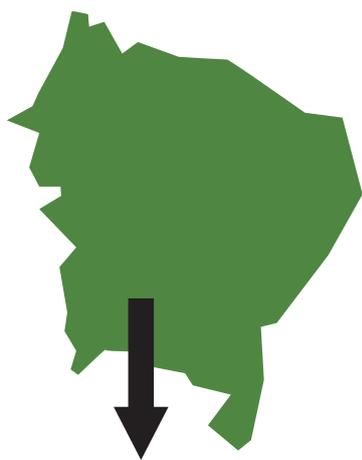


Base: Total da amostra - 271 entrevistas

Proporcionalmente, a distribuição de leitores, redes de apoio e instituições tem variações significativas no Nordeste. Fonte: Cenários da Leitura Acessível

No Nordeste está também o **maior percentual de pessoas com deficiência visual desinteressadas pela leitura.** De acordo com o levantamento do Instituto Datafolha, **21% dos entrevistados no Nordeste não têm interesse em ler.** A média nacional trazida pela pesquisa é de **17%**. Ainda assim, na região estão os que **mais demonstram prazer pela leitura.**

Já a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, do Instituto Pró-Livro, revela que a



**Região
Nordeste
foi a
ÚNICA no país
em que o percentual
de leitores diminuiu,
considerando a
população em geral.**

As razões ainda não foram amplamente estudadas, mas os incentivos e a mediação aparecem como fatores decisivos no desenvolvimento de hábitos frequentes de leitura.

O difícil lugar da **mediação**

 Nesse lugar de ser um mediador, em que o projeto é da pessoa com deficiência, não é vergonha nenhuma para a gente, que não tem deficiência, assumir que é um lugar difícil. Nós também encontramos inúmeras barreiras”,

avalia outra parceira de Minas Gerais.

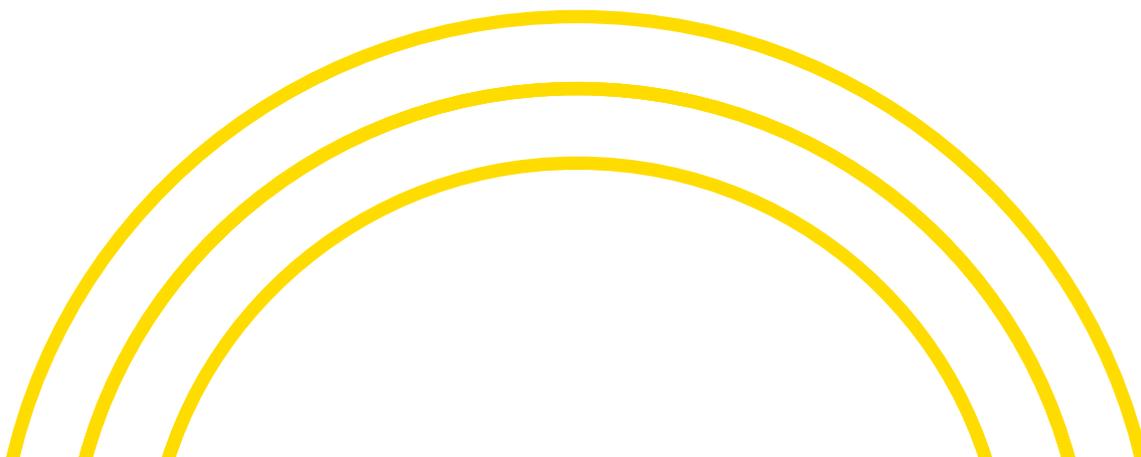
Ela trata da difícil tarefa de

SENSIBILIZAR

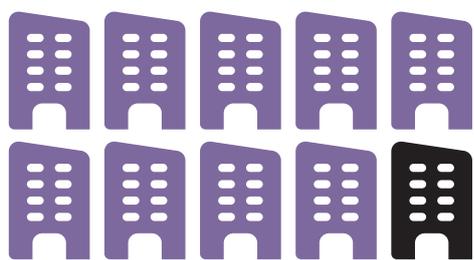
o poder público e a iniciativa privada na busca por



APOIO A ATIVIDADES CULTURAIS LIGADAS À LEITURA ACESSÍVEL.



Realidade para os envolvidos em projetos dessa natureza, a cultura da doação e o trabalho voluntário são bastante significativos.



**9 em cada
10 instituições**

ouvidas na pesquisa promovida pela **Fundação Dorina Nowill para Cegos** recebem doações de livros acessíveis

E em **70%** das que também compram materiais, as doações superam as compras.

O voluntarismo representa ainda uma boa parcela da motivação para o envolvimento pessoal com a questão da acessibilidade. Por um lado, esse aspecto emocional oferece componentes positivos para o fortalecimento da luta pela inclusão. Ao mesmo tempo, também reforça as barreiras associadas à falta de apoio e de estrutura, além da ausência de uma gestão considerada profissional. **Faltam, via de regra, pessoas preparadas e recursos adequados para a promoção da leitura inclusiva nas instituições parceiras.**



Hoje são **53 municípios** nos quais se promove alguma articulação com a **Rede de Leitura Inclusiva**, de um total de **1,3 mil municípios cadastrados** para o recebimento gratuito de livros acessíveis, em todos os estados brasileiros. Até dezembro de 2019, eram **450 instituições e pessoas físicas envolvidas no projeto**, seja através dos grupos de trabalho ou parcerias institucionais que promovem ações de leitura inclusiva e acessível. Os parceiros, na quase totalidade, têm formação de nível superior ligada principalmente à biblioteconomia e à pedagogia, de acordo com a pesquisa **Cenários da Leitura Acessível**.

Na percepção dos entrevistados pelo **Instituto Datafolha**, a melhoria nos procedimentos das instituições e na oferta para leitores na Rede de Leitura Inclusiva passa por três dimensões diferentes.

- 
- Em nível nacional, esforços, aprendizados e sistematização de ideias ganham importância.
 - Há também o desejo de que a sociedade civil possa colaborar em estados de uma mesma região.
 - Por fim, instituições importantes num mesmo estado são vistas como essenciais para a capacitação e o atendimento a pessoas com deficiência em nível mais local, nos municípios.

Rodas de leitura, contação de histórias, atividades sensoriais e oficinas voltadas para metodologias que promovam inclusão e acessibilidade são as principais atividades desenvolvidas pelas instituições em que os parceiros trabalham ou são organizadas por eles de forma autônoma.

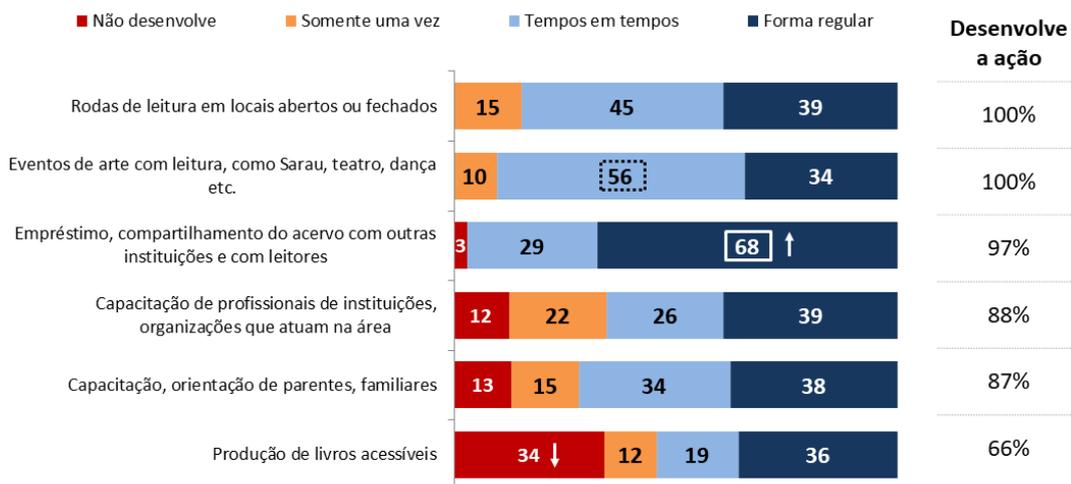
Por serem **bastante diversificadas**, mesmo os grupos de trabalho identificam **a falta de periodicidade nas trocas de experiências e informações**, além da necessidade de se **criar ferramentas** para que os contatos e as discussões tenham continuidade fora dos encontros presenciais.



Frequência com que desenvolve ações de leitura acessível

Estimulada e única, em %

Entre as ações desenvolvidas, *rodas de leitura e eventos de arte com leitura, como Sarau, teatro, dança* foram desenvolvidas pelo menos uma vez entre o público entrevistado.



Eventos culturais de acesso à leitura são realizados de tempos em tempos.

Fonte: Cenários da Leitura Acessível



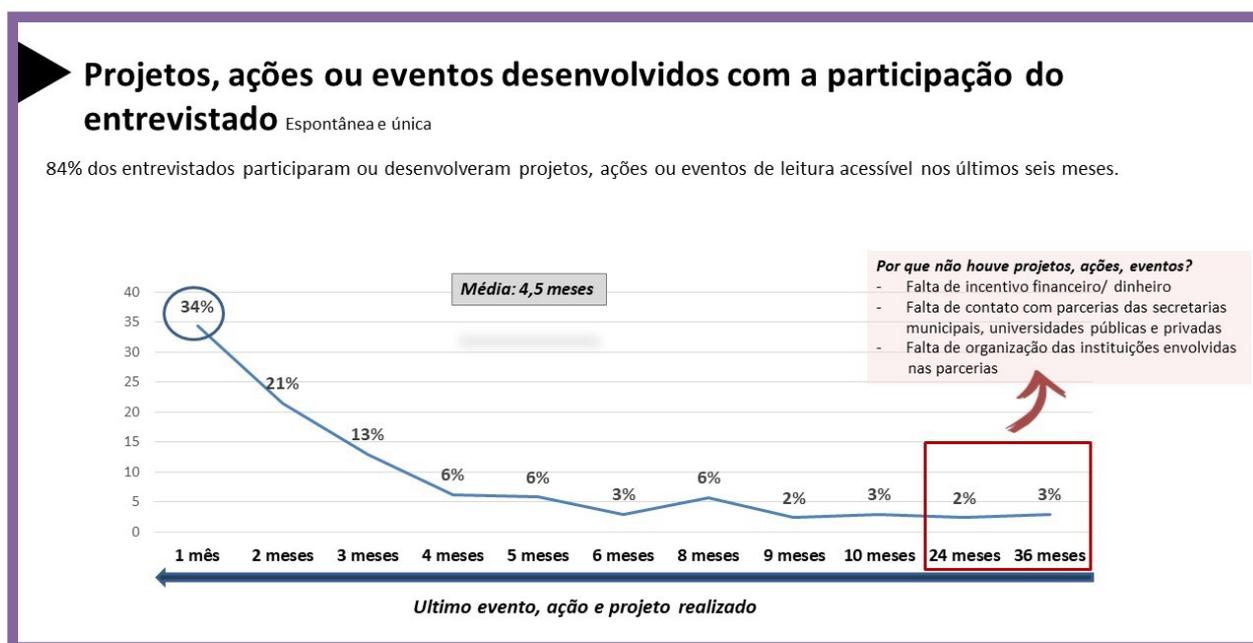
Na Rede há pessoas com formação específica na área de inclusão e acessibilidade.

Mas há também pessoas que começaram a conhecer os trabalhos e a causa da leitura inclusiva e acessível há pouco tempo, nem todas com formação especializada. A Rede é composta ainda por quem está se familiarizando com o trabalho a partir de um recente curso de capacitação. As instituições são diferentes. Existem as que são focadas exclusivamente em deficiência visual e as que oferecem livros acessíveis em um acervo diversificado.

Uma das integrantes do GT Amapá se diz estimulada a promover mudanças no ambiente em que atua. Há um ano e meio trabalhando em biblioteca pública, ela presencia a falta de recursos humanos para dar conta de ambientes especialmente preparados para pessoas com deficiência visual, mas percebe o potencial que a rede oferece. Ela aborda o desafio cotidiano:

Estou na sala infanto-juvenil. Já temos uma sala de braille, mas está fechada. Não tem profissional que fique ali para atender. Na Semana dos Museus, nenhuma atividade para pessoas com deficiência foi incluída. Estou cheia de ideias”.

A absoluta maioria dos parceiros entrevistados na pesquisa promovida pela Fundação Dorina participou ou desenvolveu projetos de leitura inclusiva nos últimos seis meses. Ainda assim, o acesso aos livros e a tecnologias acessíveis é apontado como principal desafio para a promoção de atividades.



Dos parceiros da Rede, 84% dos parceiros se envolveram em ações nos últimos seis meses.
Fonte: Cenários da Leitura Acessível

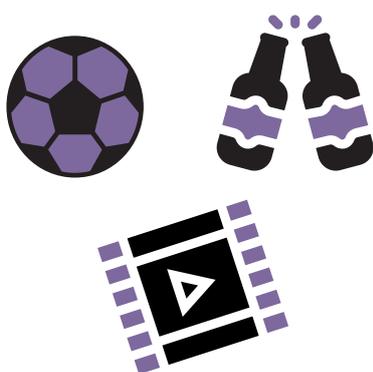
Os parceiros da **Rede de Leitura Inclusiva** se mostram interessados em dar suporte e ser referência para ajudar na orientação sobre aspectos relacionados à cegueira e à baixa visão, especialmente em crianças. Mas esbarram nas barreiras atitudinais e estruturais de muitas instituições como bibliotecas e escolas, principalmente as públicas, e isso impacta diretamente no interesse das pessoas para quem as ações são destinadas.

Um aspecto relevante no estudo sobre os **Cenários da Leitura Acessível** é a baixa participação de leitores nas ações promovidas para o desenvolvimento do hábito de ler: **apenas dois em cada dez dos entrevistados**. Uma das razões possíveis para isso é o fato de que a leitura não é considerada uma atividade cultural compartilhada.



As bibliotecas, por exemplo, são consideradas **instituições de estudo** e não uma **fonte de cultura**, segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil.

Também se percebe que leitores, especialmente os mais escolarizados e com maior nível de renda, possuem um repertório mais diversificado de atividades culturais e sociais como forma de lazer.



Entre as pessoas com deficiência visual, o lazer está mais associado a “relaxar com amigos” em práticas esportivas, passeios em shoppings e encontros em bares, sessões de audiodescrição no cinema e no teatro, ouvindo música. Mas a leitura é também vista como lazer.

O dilema das tecnologias

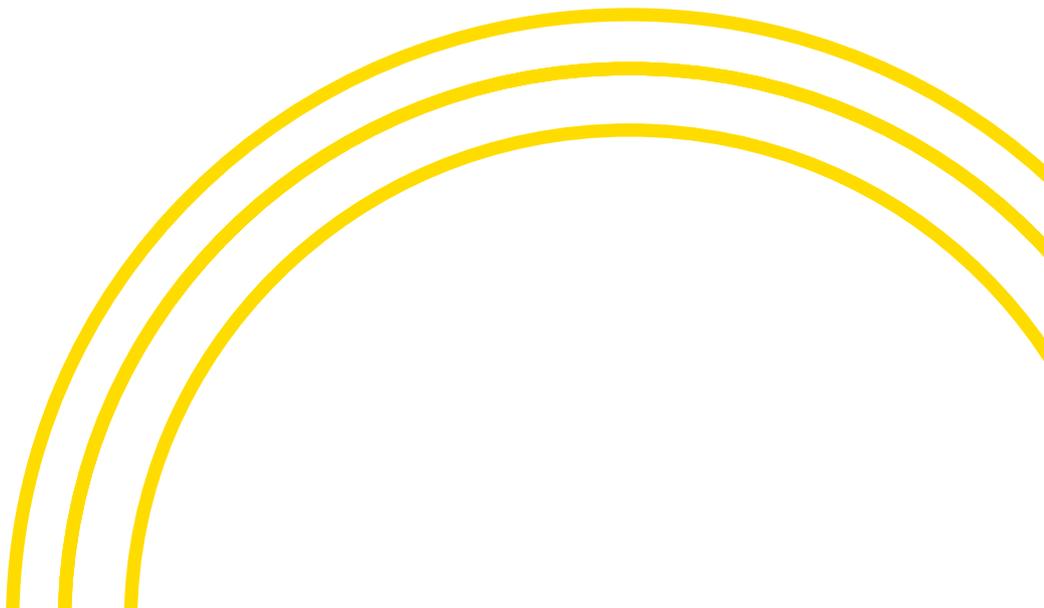


Sendo ou não leitor assíduo, a quase totalidade das pessoas com deficiência ouvidas na pesquisa **Cenários da Leitura Acessível** considera o ato de ler “uma forma de conhecer o mundo”, o que implica outras interpretações. Primeiro, é importante reconhecer, como traz a pesquisa, que o grau de envolvimento com a leitura passa por questões inerentes à própria deficiência e às experiências de vida de cada pessoa.

ler é uma forma de
**CONHECER O
MUNDO**

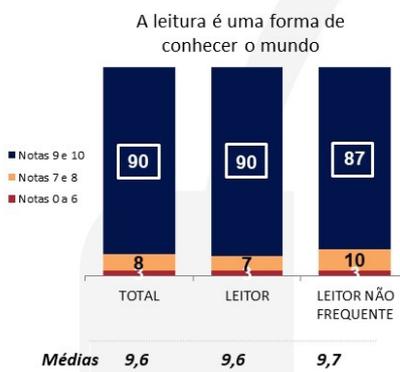


A cegueira ou a baixa visão impactam de modos diferentes no comportamento do leitor. **As pessoas com baixa visão enfrentam dificuldades de reconhecerem-se como quem tem deficiência visual e acabam desestimuladas por não usarem os recursos de acessibilidade adequados.** Além disso, a cegueira ou a baixa visão têm origem em situações diferentes e o mesmo acontece com quem nasce cego e quem perde a visão ao longo da vida.



Avaliação do interesse pela leitura

Conhecer o mundo, fantasiar diferentes histórias



- Ler é uma possibilidade de **ampliar conhecimento**, assim como **conhecer muitas coisas que suprem a falta de visão** (descrições, contextualizações, entender sentimentos causados pela observação visual)
- **Fonte de lazer** - sonhar, experimentar sensações, “viajar na história”, imaginar
- Muitas pessoas nunca saíram de suas cidades e estados e **ampliam visões e experiências através da leitura**

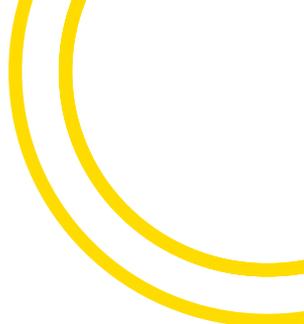
Para a quase totalidade dos entrevistados, a leitura é uma forma de conhecer o mundo.
Fonte: Cenários da Leitura Acessível

No caso das famílias de pessoas com baixa visão, há dificuldade de assumir a deficiência. Dependendo do grau de dificuldade, a leitura é estimulada a partir de livros tradicionais, o que aumenta ainda mais o desinteresse. Além disso, as pessoas com baixa visão demonstram na pesquisa desconhecer editoras especializadas e sites de leitura acessível.

Custosa e difícil, a leitura gera uma certa insatisfação para essas pessoas, já que não buscam ou não aceitam os recursos das tecnologias assistivas usados pelos cegos.

Também é importante levar em consideração o momento de vida.

Trabalhar e estudar regularmente são condicionantes para o hábito de ler, seja pela falta de tempo ou pela necessidade de ter contato com leituras específicas e obrigatórias. Morar em cidades com mais oportunidades e recursos também interfere no comportamento leitor, assim como a relação familiar e a situação socioeconômica.



Mas talvez a questão mais impactante seja o **grau de domínio dos recursos tecnológicos**, uma vez que, além da alfabetização e do letramento, as pessoas com deficiência visual têm de aprender a usar ferramentas acessíveis, nem sempre intuitivas ou de fácil acesso. São recursos que se complementam, mas dependendo da característica de cada pessoa, exercem uma influência maior no ato de ler.

Entre os perfis ouvidos na pesquisa **Cenários da Leitura Acessível**, o mais jovem, de 19 anos, faz universidade, fala inglês, acompanha audiodescrição de programas estrangeiros e é administrador de grupos temáticos no WhatsApp para pessoas com deficiência visual. **O tipo de rotina vivida por quem já se insere no universo digital impõe uma velocidade muitas vezes incompatíveis com o tempo e o ritmo da leitura tradicional.**

Participante da **Rede de Leitura do ABC**, faz, contudo, um alerta:



Como pessoa que trabalha em biblioteca e tem curso em braille, percebo que, normalmente quando a pessoa nasce com deficiência, assimila melhor o braille. Quem tem deficiência depois, opta mais pelo audiolivro. Para trabalhar com juventude, é mais fácil trabalhar com tecnologia. Mas o conteúdo está na nuvem e pode desaparecer. **A acessibilidade é melhor quando a pessoa aprende de uma forma que pode parecer arcaica, como o braille, mas que estará com ela o tempo todo. Importante passar isto para juventude”.**



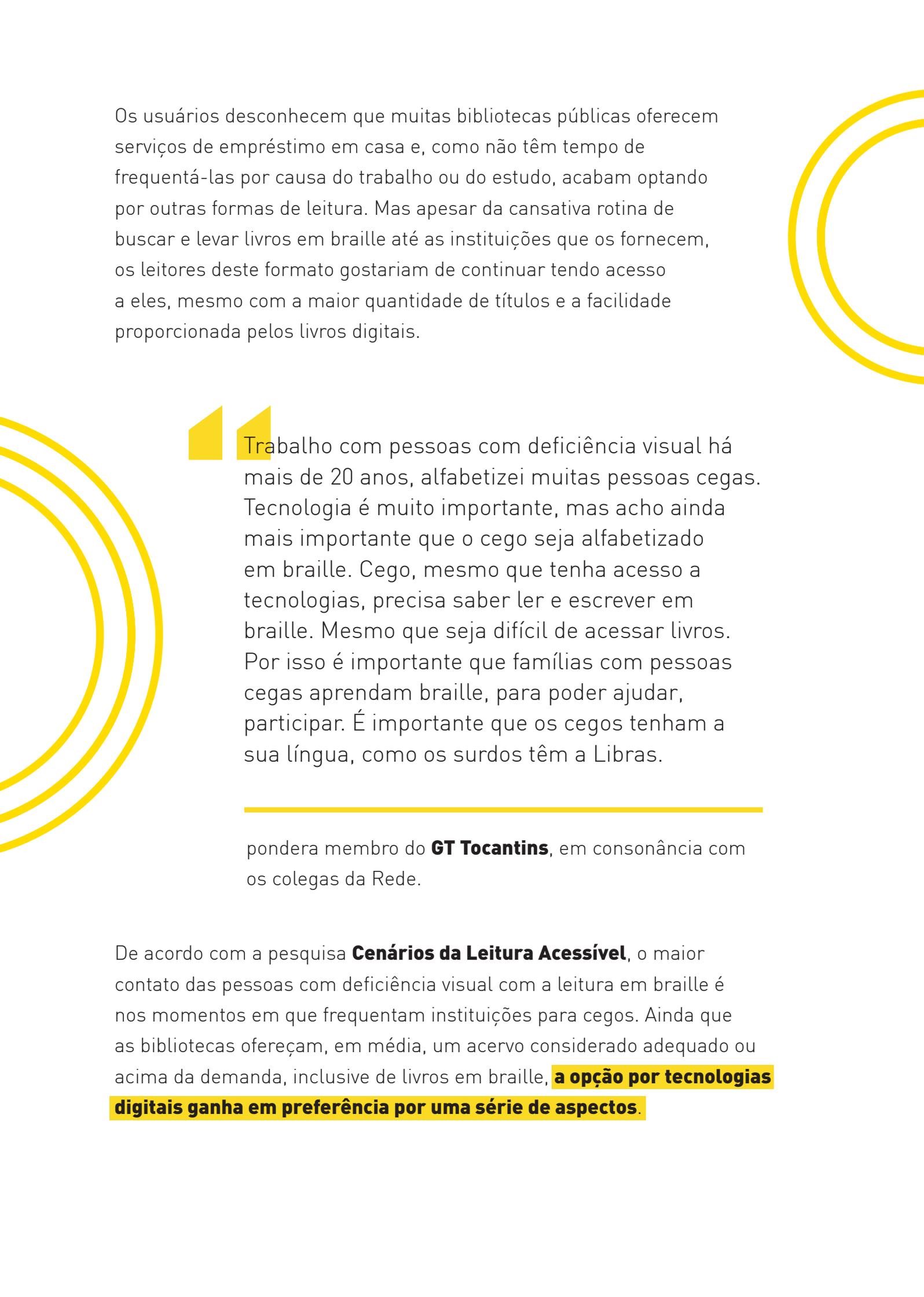
Braille é a tecnologia ideal para alfabetização e letramento de pessoas com deficiência visual
(Rafael Petrocco/Fundação Dorina/Acervo)

De fato, em se tratando de autonomia na leitura e na escrita, **o Sistema Braille é a única forma de alfabetização e de letramento para pessoas com deficiência visual**, principalmente para a pessoa cega. Ele proporciona uma postura ativa na leitura por oferecer a possibilidade de compreensão da escrita correta, a pontuação, o ritmo e permitir uma entonação singular, semelhante à leitura de livros tradicionais.

Para parceiro do **GT Piauí**,

pelas dificuldades que o livro em braille traz, pelo tamanho e pela falta de livros impressos em diversos gêneros, temos que apelar para o audiolivro e o livro digital. Mas eles não devem ser substitutos. Devem complementar e agregar à leitura em braille”.

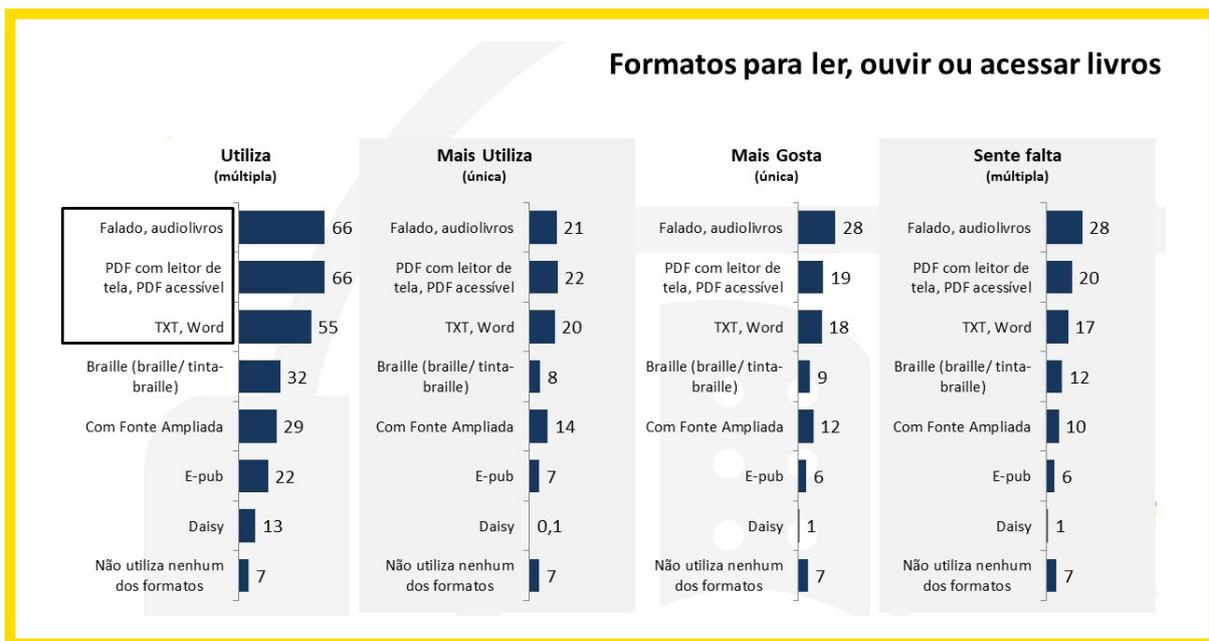
Os usuários desconhecem que muitas bibliotecas públicas oferecem serviços de empréstimo em casa e, como não têm tempo de frequentá-las por causa do trabalho ou do estudo, acabam optando por outras formas de leitura. Mas apesar da cansativa rotina de buscar e levar livros em braille até as instituições que os fornecem, os leitores deste formato gostariam de continuar tendo acesso a eles, mesmo com a maior quantidade de títulos e a facilidade proporcionada pelos livros digitais.



Trabalho com pessoas com deficiência visual há mais de 20 anos, alfabetizei muitas pessoas cegas. Tecnologia é muito importante, mas acho ainda mais importante que o cego seja alfabetizado em braille. Cego, mesmo que tenha acesso a tecnologias, precisa saber ler e escrever em braille. Mesmo que seja difícil de acessar livros. Por isso é importante que famílias com pessoas cegas aprendam braille, para poder ajudar, participar. É importante que os cegos tenham a sua língua, como os surdos têm a Libras.

pondera membro do **GT Tocantins**, em consonância com os colegas da Rede.

De acordo com a pesquisa **Cenários da Leitura Acessível**, o maior contato das pessoas com deficiência visual com a leitura em braille é nos momentos em que frequentam instituições para cegos. Ainda que as bibliotecas ofereçam, em média, um acervo considerado adequado ou acima da demanda, inclusive de livros em braille, **a opção por tecnologias digitais ganha em preferência por uma série de aspectos.**



A facilidade no uso de audiolivros e outras tecnologias digitais se sobrepõe ao uso do Braille.
 Fonte: Cenários da Leitura Acessível



8 em cada 10

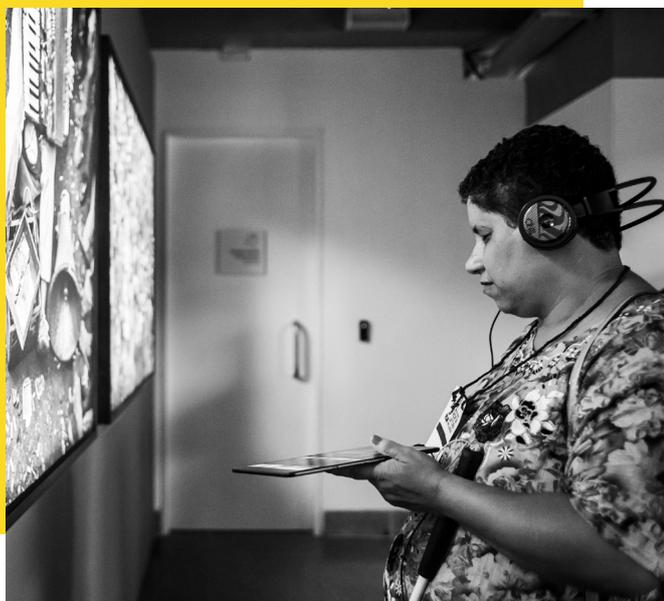
entrevistados usam algum tipo de tecnologia digital para ler, ouvir ou acessar livros.

Um dos fatores principais é a facilidade de acesso. A pesquisa mostra que **oito em cada dez entrevistados**, entre leitores regulares e leitores não frequentes, usam algum tipo de tecnologia digital para ler, ouvir ou acessar livros. E **mais da metade prefere fazer o download dos livros na internet.**

Os audiolivros e os livros digitais, com recursos visuais melhorados ou acompanhados de recursos sonoros, vêm ganhando a preferência das pessoas com deficiência visual. Os audiolivros, por exemplo, se destacam como os mais utilizados por leitores não frequentes, mas **73% dos leitores regulares que optam por mais de um formato de leitura também os usam.** Os usuários apontam, inclusive, a possibilidade de “ler” um audiolivro enquanto executam outro tipo de atividade.

Quanto mais distante a pessoa com deficiência está da tecnologia, mais distante está da leitura. Quer queira, quer não, a tecnologia facilitou acesso à leitura”,

argumenta parceiro do **GT Bahia**. Ele é cego e considera importante transpor os dados nacionais da pesquisa para avaliar se conferem com o local em que os agentes atuam.



Audiodescrição como forma de acesso à leitura...



*...é complemento para a interação tátil
(Rafael Petrocco/ Fundação Dorina/ Acervo)*

No cenário de leitura acessível construído a partir das entrevistas, é importante considerar que o formato preferido para a leitura se adequa aos interesses e aos gostos de cada pessoa. Portanto, a leitura também depende de que publicações estão disponíveis e como acessá-las. As pessoas com deficiência visual reconhecem as vantagens e desvantagens de cada formato.

A leitura para além dos livros



Há quem defenda que o acesso à leitura é o mais importante, independente do formato e da tecnologia. A questão, no entanto, passa também pela mediação. Seja para familiares, professores, bibliotecários ou quaisquer outros intermediários da leitura nas localidades, as relações com a leitura inclusiva dependem de informação. Ainda existem tabus associados à leitura acessível.

Deficiência visual não é sinônimo de deficiência intelectual, por exemplo.



A falta de informação tem intensificado o desconhecimento sobre questões sensíveis às pessoas com deficiência, sobre a

disponibilidade de recursos e suporte para lidar com essas pessoas, sobre as possibilidades de leitura acessível existentes, mas é apontada principalmente como responsável pela baixa participação das pessoas com deficiência em eventos de leitura acessível.

É preciso, aqui, fazer uma distinção. Quando se fala em baixa participação, se está levando em consideração a **proporção das pessoas com deficiência visual que efetivamente vão aos eventos de leitura acessível.** Para mais da metade dos parceiros da **Rede de Leitura Inclusiva**, a participação do leitor nos eventos está dentro do esperado. E esse é um aspecto importante, porque a baixa expectativa pode significar um certo grau de estagnação no interesse em atrair mais gente para os eventos.



*A leitura de mundo pede intervenções no ambiente
(Rafael Petrocco/ Fundação Dorina/ Acervo)*

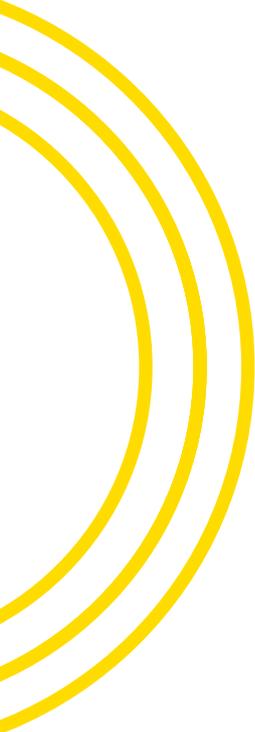
Vivemos uma experiência bacana, que foi uma ação em comemoração à aprovação da Lei de Inclusão. Escolhemos um local em que passa muita gente e fizemos uma exposição em braille. Levamos a reglete e convidamos uma usuária com deficiência visual bem assídua para fazer demonstração do uso do material. Foi uma experiência incrível. Mas nos surpreendemos com o desconhecimento das pessoas. Professores não conheciam esse material ou não sabiam que ele existia na rede pública

conta integrante do **GT Espírito Santo** para mostrar formas de intervir em um ambiente social pouco afeto à causa da inclusão.

De certo modo, esse tipo de intervenção também provoca outras formas de ler. Como propõe o educador Paulo Freire, **a leitura não pode se resumir apenas a uma simples tradução de coisas nunca vividas.** Para que as palavras ganhem sentido, existe uma relação de diálogo com o mundo e que passa pelas experiências no ambiente em que se vive.

Quem tem deficiência visual procura informações sobre questões inerentes à própria condição, se interessa por histórias que ajudem a enfrentar as dificuldades cotidianas, buscam formas de pertencimento em um universo bem peculiar. Mas, como mostra o levantamento realizado pelo **Instituto Datafolha** para a **Fundação Dorina**, **a leitura acessível não está no rol das atividades culturais diversificadas praticadas pelos leitores regulares, em sua maioria.**

Dentre as motivações de leitura para pessoas com deficiência visual, conhecer melhor as coisas através de descrições, contextualizações e sensações experimentadas por quem tem percepção visual, sonhar, imaginar e ampliar as experiências são as mais interessantes. A leitura é também fonte de entendimento sobre as questões relevantes do cotidiano, que envolvem informações atualizadas sobre o que acontece na sociedade, além de ser essencial para desenvolver estudos em áreas de interesse no caminho profissional.



Precisamos revisitar o conceito do que de fato as pessoas querem em termos de incentivo à leitura. Talvez tenha pessoas mais clássicas, do livro, mas outras pessoas podem estar procurando outros caminhos, saraus, eventos culturais de outro tipo que precisam se articular com a leitura. **Como nos comunicamos com a comunidade em que estamos inseridos?”**,

pergunta membro do **GT Santa Catarina**.



De acordo com a pesquisa **Cenários da Leitura Acessível**, as pessoas com deficiência visual valorizam suas redes sociais. **Para ampliar o relacionamento, o aplicativo de mensagens WhatsApp é o mais usado**. Isso porque ele oferece integração e autonomia na criação de grupos, elaboração de temas e disseminação de informações. O mais relevante, nesse caso, é que as redes nesse aplicativo se mobilizam em função da troca de experiências com a deficiência visual.



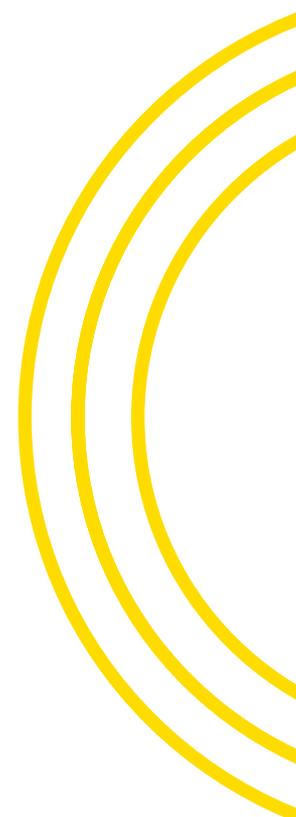


Aplicativo de mensagens que propõe autonomia no compartilhamento de informações é o preferido.
Fonte: Cenários da Leitura Acessível

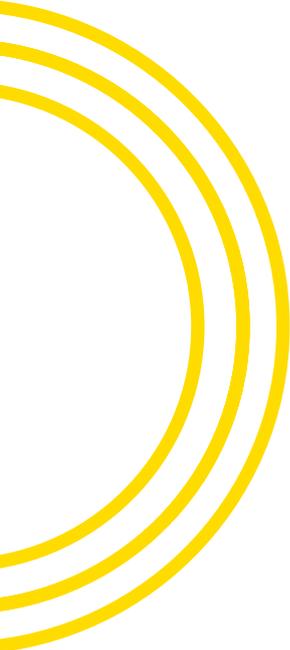
Até o fechamento da pesquisa, a **Rede de Leitura Inclusiva** comportava **25 grupos de WhatsApp que cobrem o território nacional**. Tanto profissionais da área de inclusão e acessibilidade quanto usuários, pessoas com e sem deficiência, postam suas atividades, livros e artigos sobre a área, além de recorrer ao conhecimento dos parceiros para ajudar no atendimento ao público ou tirar dúvidas sobre recursos de acessibilidade.



Para os parceiros sem deficiência visual, a ferramenta permite o exercício de práticas inclusivas cotidianamente. Entre as regras exigidas para acesso aos grupos de WhatsApp, descrever imagens e links é uma forma de possibilitar o acesso de todos os membros às informações postadas. E os temas abordados nos grupos de WhatsApp, assim como nos GT, não se resumem à deficiência visual. Outras deficiências ou públicos excluídos do direito pleno ao livro também ganham espaço.



Especializado em comunicação, parceiro do GT Piauí lembra que as ferramentas oferecem a possibilidade de qualquer pessoa se tornar porta-voz de suas ideias e de uma causa.

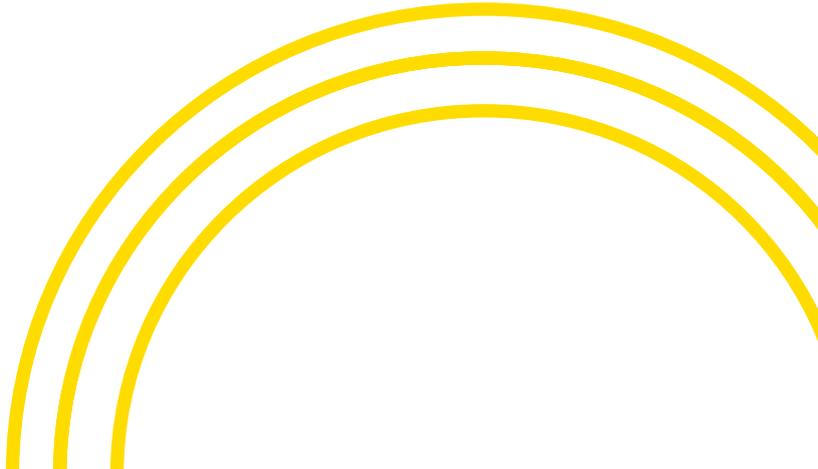


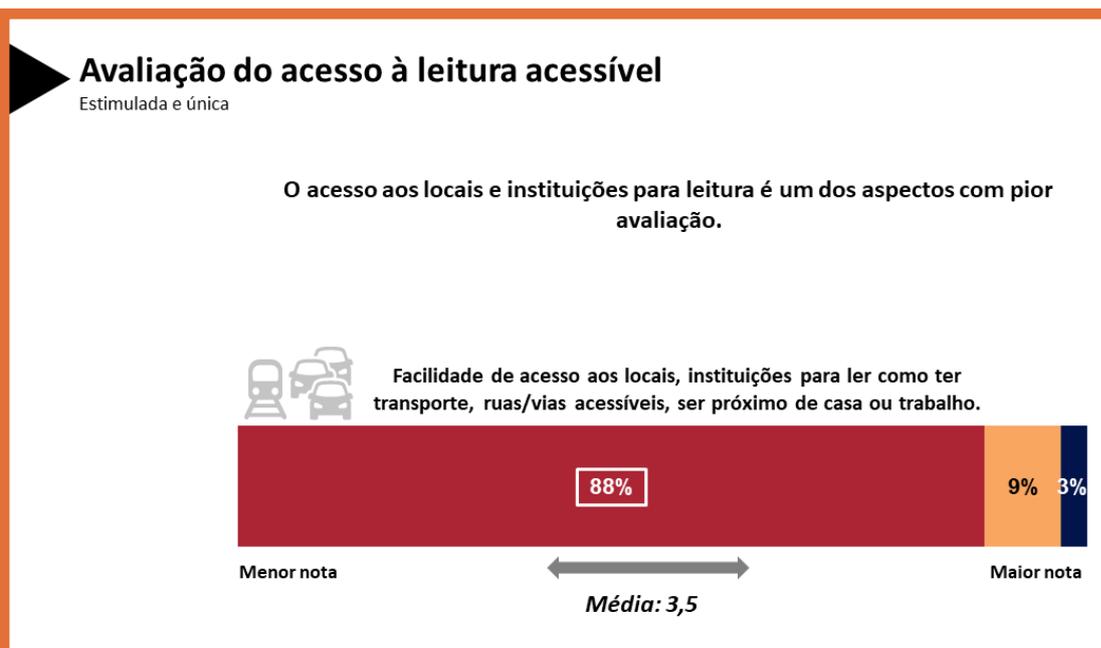
Existe um grande mito sobre a comunicação. Todos nós somos comunicadores. Você hoje pode produzir comunicação. E isso pode ajudar a quebrar essa questão da falta de pertencimento”.

Entretanto, a **Rede de Leitura Inclusiva**, como alerta a pesquisa, se mostra ainda fragilizada nesse processo de envolver outros atores.

Talvez a preferência das pessoas com deficiência visual pelo WhatsApp influencie os colaboradores a utilizarem mais esse aplicativo de mensagens para divulgar informações sobre leitura acessível. O problema é que o processo de comunicação não se efetiva apenas com a troca de mensagens. **O que consolida a Rede é o pertencimento.**

Quando se avalia que há dificuldade no acesso ao acervo e aos locais de leitura, como apontam as próprias instituições intermediárias e beneficiadas por projetos de leitura inclusiva que participaram da pesquisa **Cenários da Leitura Acessível**, informações sobre quaisquer aspectos relacionados a atividades de leitura acessível perdem interesse. Quando se constata que **oito em cada dez instituições não fazem diferença no atendimento a pessoas com deficiência visual**, a ideia de pertencimento pode perder sentido para quem precisa de recursos específicos.





Dificuldades no acesso aos locais de leitura acessível ainda não estimulam a participação de parte do público. Fonte: Cenários da Leitura Acessível

Os locais de leitura ainda não estão preparados para enfrentar o desafio de estimular o hábito de ler nas pessoas que não enxergam ou apresentam dificuldade acentuada de visão.

Mesmo que mais da metade das instituições descrevam os projetos de leitura acessível como missão ou os ponham em pauta, a maioria reconhece que seus profissionais não estão plenamente preparados, de atendentes em bibliotecas a professores em atuação nas escolas. E, sem investir na formação, mesmo sem custos, **as instituições desistem de implementar ações sem considerar que há profissionais gabaritados em todos os municípios.**

“Temos que pensar o acesso à leitura para além do livro propriamente dito. Temos que pensar o acesso a outros elementos culturais”,

propõe integrante do **GT Bahia.**



Avaliação do acesso à leitura acessível

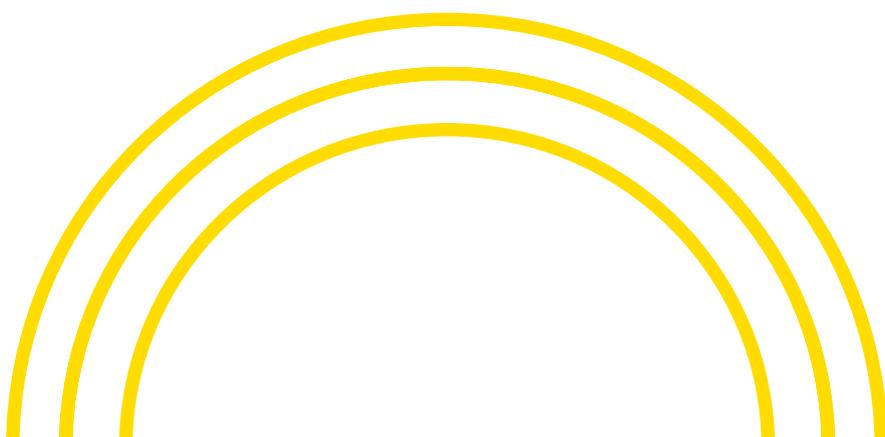
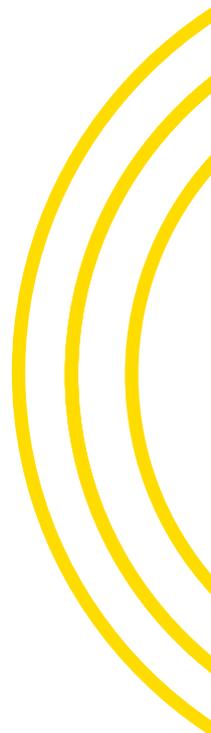
Estimulada e única



A falta de capacitação de profissionais para atuar com pessoas com deficiência visual é percebida pela maioria dos entrevistados da rede.

Capacitação de pessoas para atendimento especializado é uma das barreiras para a leitura acessível.

Fonte: Cenários da Leitura Acessível



O público como política

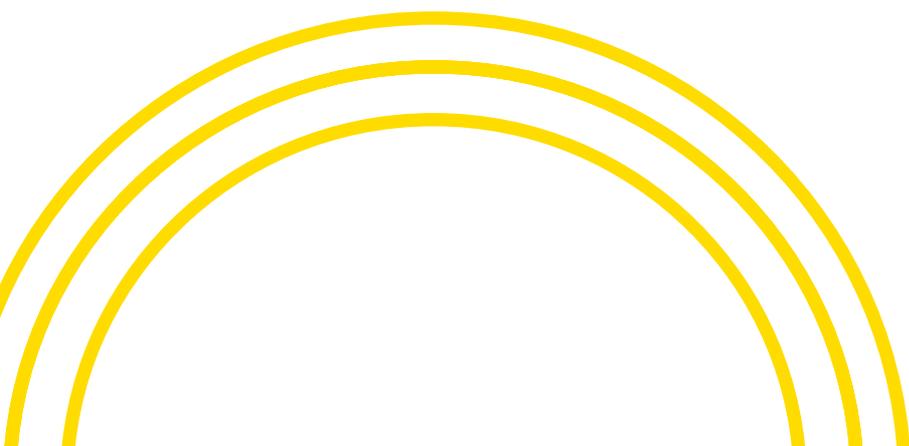


A Rede de Leitura Inclusiva tem se constituído em um espaço importante para a consolidação de ações contínuas no estímulo à leitura acessível. O levantamento promovido pela **Fundação Dorina Nowill para Cegos**, em síntese, mostra que **as restrições de acesso e mobilidade não impedem as pessoas com deficiência visual de se manterem ativas e informadas.**

Ainda que as instituições envolvidas nos projetos de leitura acessível apresentem dificuldades quanto à disponibilidade e as possibilidades de ampliação do acervo, seja comprando ou produzindo material acessível, **os índices de leitura desse público específico se assemelham aos de leitura geral no país.** E as próprias instituições, de certo modo, também se mantêm ativas.



Faltam, segundo os parceiros, diretrizes. Eles sugerem que haja uma articulação política da Rede, no sentido de orientar as conexões, subsidiar a formação e fortalecer os direitos na luta pela leitura inclusiva e acessível. Há, aqui, duas barreiras essenciais a serem vencidas: **a primeira**, consolidar ferramentas de informação e de comunicação para facilitar a organização das ações; **a segunda**, criar oportunidades de conhecimento, capacitação e troca de experiências com a participação de pessoas com deficiência.





Legado da Rede para a leitura acessível é fazer junto
(Rafael Petrocco/ Fundação Dorina/ Acervo)

Na ausência de investimentos mais consistentes por parte do poder público, **atuar em rede possibilita um ambiente para mobilizar os diferentes atores necessários na promoção da leitura inclusiva.**

Para quem depende dos materiais, o tempo de produção e de adaptação pode não corresponder com a necessidade de quem precisa.

A ampliação de títulos em material acessível, especialmente em instituições de ensino, a organização da oferta em um ambiente online, a valorização da leitura e da escrita em braille, a otimização de livros acessíveis depois do lançamento de livros, sobretudo com leitores de tela, e o aprimoramento dos recursos de audiodescrição estão na pauta do público leitor como demandas emergenciais.

A Rede precisa entender que o legado é fazer junto. Podemos acertar e errar em diferentes momentos”,

sustenta membro do **GT Espírito Santo**. E o fazer junto significa que é preciso reconhecer o papel de protagonismo das pessoas com deficiência visual na promoção da leitura acessível.

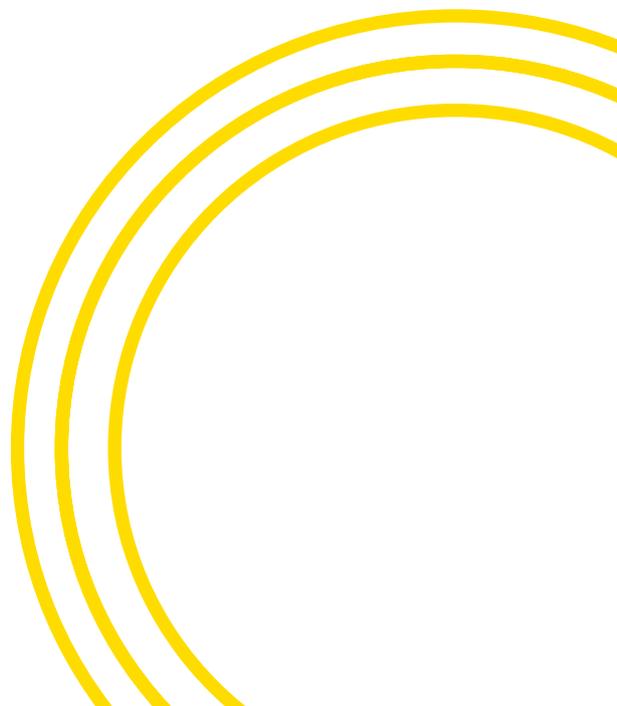
O cenário descrito na pesquisa realizada pelo **Instituto Datafolha** explicita que ainda há pouco espaço nas instituições para a atuação de pessoas com deficiência, principais interessadas em ações inclusivas, ainda que não as únicas. Em muitos lugares essas pessoas ainda são vistas como **alvo das ações de cunho assistencialista**, como se precisassem mais de ajuda do que qualquer um.

No espaço da Rede, o termo público ganha um sentido menos pragmático.

O público enquanto política é a possibilidade de tornar visível, dar notoriedade e publicidade à leitura acessível como perspectiva de desenvolvimento sociocultural cujo benefício não é só de quem tem algum tipo de deficiência.



A pesquisa **Cenários da Leitura Acessível** entende o papel da **Fundação Dorina Nowill para Cegos** na promoção de ações contínuas para dar autonomia e promover o acesso das pessoas com deficiência visual às **“formas de conhecimento”** reconhecidas nos livros. Para os atores da Rede, as soluções para superar as barreiras estruturais e atitudinais, o aprofundamento das discussões sobre os problemas relativos à leitura acessível e o reforço aos processos de inclusão ganham fôlego com o **constante apoio institucional**. E os indicadores mostram isso.



Participantes do II Encontro Nacional da Rede de Leitura Inclusiva

GRUPOS DE TRABALHO

GT Acre - Francisco Héilton do Nascimento, Gercineide Mais de Souza,
Lusiane Silva de Oliveira Bezerra

GT Alagoas - Almiraci Dantas dos Santos

GT Amapá - Itaciane Mendes da Rocha Campos, Jamily Gabrielle da Conceição Freitas
e Verlane Celia Amorim Costa, Graça Auxiliadora Nobre Lopes,
Lucianny Favacho Inajosa Rodrigues

GT Amazonas - Carlos Alberto Bruce Fragata, Gilson Mauro de Oliveira Pereira,
Sandra Maria de Lima Amazonas

GT Bahia - José Ednilson Almeida do Sacramento, Marcos Paulo Viana,
Raquel Mendes de Ávila, Alana Sheila Silva Santos, Ivoneide Gomes Figueiredo

GT Ceará - Thamyle Vieira Machado, João Bosco de Farias

GT Espírito Santo - Marisane Olívia de Vasconcelos Barcelos, Lilian Pereira Meneguci,
Eliana Terra Barbosa

GT Goiás - Larissa Pereira Mundim, Roselma de Sousa Oliveira,
Romeu Fernandes de Lima, Maria Eunice Soares Barboza, Mariely Guilherme Pimentel

GT Mato Grosso do Sul - Maria Cândida da Silva Abes, Fabio Mota Queiroz,
Leia Ferreira Rodrigues

GT Minas Gerais - Gildete Aparecida de Souza Santos Veloso

GT Paraná - Cleomira Ferreira Burdzinski

GT Rio de Janeiro - Kíssila Alves Raimundo

GT Rio Grande do Norte - Vanessa Barbosa da Silveira, Eunice da Silva Rosado

GT Rio Grande do Sul - Cristina Strohschoen dos Santos, Alana Claudia Mohr,

Maria Esther Gomes de Souza, Filipe Xerxeneski da Silveira, Glenda Lisa Stimamiglio, Patricia Farias Fantinel Trevisan, Gabriela Fernanda Cé Luft

GT Roraima - Daniel Moraes Barreto, Maria Luiza Gomes Rodrigues

GT Santa Catarina - José Carlos Rodrigues, Gláucia Maindra da Silva, Giselle Paes Horacio, Salete Cecilia de Souza, Alana Meneghel Reis

GT São Paulo - Milena Perpétua da Silva Bertoni Romera, Adriana Rafael Pinto, Ana Maria Diniz Rosalini, Leondeniz Candido de Freitas, Miguel Martin Olio, Samantha Orui, Cristiane Aparecida Rufino, Kátia Ellen Chemalle, Lilian Alessandra Vicente Lucas, Érika Suzuki, Sonia Regina da Silva, Márcia de Oliveira Freitas Ramalho de Sousa

GT Sergipe - Claudia Teresinha Stocker, Maria Caitana de Lima Mota

GT Paraíba - Marilia Mesquita Guedes Pereira, Ana Lucia Leite Santos, Robson Santos da Silva

GT Pernambuco - Maria das Graças Correa de Souza, Betania Maria Barbosa Duarte

GT Piauí - Maria Dilma Andrade Vieira dos Santos, Iraíldon Silva Mota, Antenilton Marques da Silva

GT Tocantins - Ana Paula Sousa de Oliveira da Silva, Ana Madalena dos Santos, Junior Rodrigues Lopes, Alessandra Batista Santarém Evangelista, Geovana Dias Lima, Ana Beatriz Dupré Silva

PARCEIROS ESTRATÉGICOS

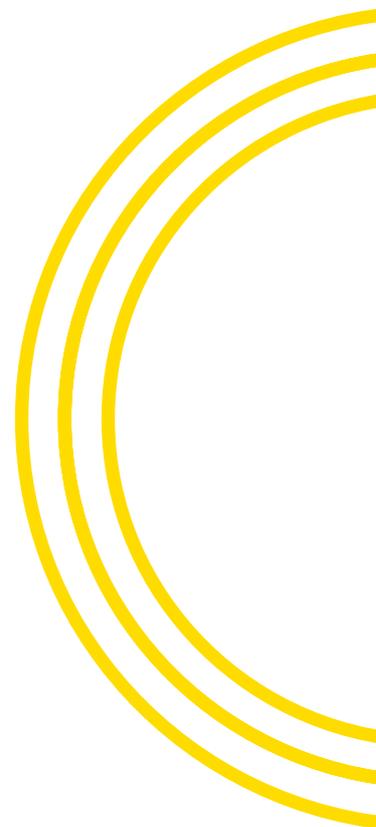
Distrito Federal - Helena Rita Pereira Santana

Maranhão - Maria Neuza da Silva Ribeiro

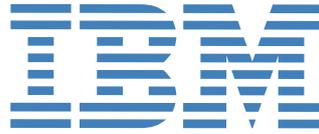
Minas Gerais - Larissa Matos Silva

Pará - Marta Gorete Rodrigues Lima

São Paulo - Cristiane de Lima, Rimar Ramalho Segala



Patrocínio:



Realização:



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

